



ESPERANÇA

Professora Tatiana Sampaio aborda os próximos passos da pesquisa sobre a polilaminina, droga promissora no combate às lesões de medula

Página 8

GOVERNO RECOMPÕE ORÇAMENTO DAS UNIVERSIDADES E DA CIÊNCIA

Páginas 2 e 3



Colônia de férias da AdUFRJ faz a alegria de pais e filhos

>Primeira semana contou com atividades lúdicas, artísticas, esportivas, cooperativas e atraiu crianças de diferentes idades. Inscrições seguem abertas para a semana de 26 a 30 **Páginas 4 e 5**



FOTOS: ALESSANDRO COSTA

Orçamento é recomposto, mas ainda está insuficiente

> Congresso havia cortado R\$ 488 milhões das instituições de educação superior, sendo R\$ 25,3 milhões do custeio da UFRJ. Reitoria comemora medida do governo Lula, mas solicita mais recursos

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

AUFRJ passou exatamente um mês sob a angústia de iniciar 2026 com um orçamento mais apertado do que esperava. No dia 19 de dezembro, o Congresso cortou R\$ 488 milhões do custeio das universidades, sendo R\$ 25,3 milhões da instituição. Na noite de 19 de janeiro, o alívio veio com a notícia de recomposição das verbas pelo governo Lula.

"Traz um ótimo alento para nós", comemorou o reitor Roberto Medronho. "Entretanto, teremos ainda a necessidade de suplementação orçamentária ao longo do ano para que possamos desempenhar melhor nossas atribuições".

"Mas, assim como em 2025, posso assegurar que não haverá corte de nenhum item essencial. Vamos manter a universidade aberta, pois é isso que a sociedade espera da gente", completou o dirigente.

A "tesourada" na UFRJ fez parte de uma manobra do Legislativo para turbinar emendas parlamentares e o Fundo Eleitoral em mais de R\$ 11 bilhões, o que deixou o reitor indignado.

"Estavam cortando a Educação para fazer a política de varejo. Emendas parlamentares podem até existir — o ideal seria que nem existissem — mas em um nível muito menor do que estamos vendo hoje", disse Medronho. "Isso é muito ruim para a sociedade. O governo foi eleito para implantar suas políticas públicas, mas precisa de dinheiro".

O reitor apontou resultados de ações da UFRJ — como a pesquisa de apoio à exploração do pré-sal e o medicamento polilaminina para reversão de



lesões medulares (leia mais em entrevista na página 8) — para justificar a importância do investimento na educação superior. "Se a gente faz o que faz com um orçamento muito aquém das nossas necessidades, imagine se a gente estivesse recebendo recursos adequados ao nosso funcionamento", completou.

AINDA FALTA

Por enquanto, a recomposição aconteceu na rubrica voltada para o funcionamento da universidade: R\$ 19,2 milhões, já divulgada no Diário Oficial de terça-feira (20). A administração central aguarda outras publicações do governo com o restante das verbas retiradas pelo Congresso. Em especial, na assistência estudantil, que sofreu uma redução de R\$ 4,6 milhões. "Estamos esperando que saia uma nova portaria com esses itens que são muito importantes para o nosso funcionamento", afirmou Medronho.

ENQUANTO ISSO não acontece, a universidade faz contas para fechar o ano: as chamadas receitas próprias (de R\$ 61,3 milhões) não sofreram alteração entre a proposta do governo e a aprovação do Congresso. Mas, como o próprio nome indica, são recursos que dependem da arrecadação da universidade a partir de alugueis de terrenos, entre outras fontes.

Sobre estes valores, porém, haverá uma perda gradativa ao longo do exercício fiscal. Desde o

GISELE PIRES ASSUME PRÓ-REITORIA DE FINANÇAS

A tarefa de dirigir a pró-reitoria de Finanças (PR-3) em um ano tão delicado caberá à professora Gisele Viana Pires, da Faculdade de Medicina. Ela foi nomeada *pro tempore*, no lugar do professor Helios Malbranque. A indicação precisa ser aprovada pelo Consuni, que está em recesso.

"Agradeço muito a dedicação do professor neste período todo. Já a professora Gisele agrega à nossa equipe uma experiência fantástica. Ela foi diretora de graduação da Faculdade de Medicina, pró-reitora de graduação da UFRJ (2019 a 2023) e trabalhou os últimos anos na SESu (Secretaria de Educação Superior).

ri). Estou muito feliz com a chegada dela", afirmou o reitor Roberto Medronho. "Eu a nomeei em caráter temporário. O nome será colocado em votação na primeira sessão do Conselho Universitário do ano", completou. O colegiado retorna aos trabalhos em fevereiro.

OBSERVATÓRIO DO CONHECIMENTO DENUNCIA INTERFERÊNCIA DE EMENDAS PARLAMENTARES NA EXECUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

A crescente influência das emendas parlamentares no orçamento da União não é objeto de indignação apenas do reitor da UFRJ. Em nota divulgada esta semana, o Observatório do Conhecimento — rede de associações docentes que defendem a universidade pública — critica que esse tipo de execução das verbas não permite previsibilidade das políticas públicas, "uma vez

que as emendas dependem da configuração política e prioridades parlamentares, ressaltando seu caráter altamente instável e dissipativo".

"As emendas parlamentares, enquanto fontes de financiamento, são precárias, instáveis e erráticas", analisa a professora Mayra Goulart, coordenadora do Observatório do Conhecimento. "As emendas dificultam a pro-

gramação e a previsibilidade das instituições de ensino e pesquisa", analisa a docente.

Dados extraídos em 20 de janeiro do Painel do Orçamento Federal mostram que as receitas das universidades de 2026 serão suplementadas em R\$ 506 milhões por emendas parlamentares (R\$ 242 milhões, individuais, e R\$ 263 milhões, de bancada). Um valor que supera a atual recompo-

sição feita pelo governo Lula nas instituições federais de educação superior. Só a UFRJ terá R\$ 21,1 milhões deste montante.

Enquanto as emendas ganham espaço, o orçamento geral continua muito abaixo das necessidades e do montante já destinado, no passado, às universidades federais. O Observatório aponta que o montante de recursos de 2026 equivale a 45,9% do orça-

mento de 2014, em valores corrigidos pela inflação.

"Embora tenhamos tido importantes recomposições, especialmente no atual governo, o orçamento ainda está aquém daquilo que já foi. Então, muitos parlamentares tentam contribuir de alguma maneira com o orçamento dessas instituições", explica Mayra.

(colaborou Silvana Sá)

Ciência também recupera receitas

> Instituições de pesquisa e entidades científicas comemoram recomposição orçamentária na Capes e CNPq. Ação rápida do governo federal é vista como valorização da educação e da ciência

KELVIN MELO E SILVANA SÁ
comunica@adufrj.org.br

Além das universidades, o governo Lula recompôs os orçamentos da Capes e do CNPq. A medida foi bastante comemorada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e pela Academia Brasileira de Ciências (ABC).

As entidades divulgaram uma nota conjunta no dia seguinte à medida: "A ABC e a SBPC reconhecem o esforço do governo em reconstruir o financiamento da educação superior e da ciência e apostam que essa recomposição represente o início de um novo ciclo de valorização das universidades, da pós-graduação e da pesquisa científica", diz a medida.

Presidente da ABC, a professora Helena Nader celebrou a recomposição, mas também reforçou a necessidade de mais recursos para o setor: "Os valores ainda estão aquém do ideal que o Brasil precisa", disse.

Antes da recomposição, deputados e senadores haviam reduzido o orçamento do CNPq em R\$ 92,4 milhões, em relação à proposta do Executivo. A Capes havia perdido R\$ 359,3 milhões. "Isso demonstra que estas pautas estão entre as prioridades do atual governo", afirmou a presidente da SBPC, professora Francilene Garcia, à reportagem. "Se você olhar, o país tem um número de doutores e engenheiros por população muito abaixo de outros países da América Latina. Quando você compara com os países desenvolvidos, é mais abaixo ainda. Então o Brasil teria que estar formando mais recursos humanos", completou.

EDUCAÇÃO VALORIZADA O Ministério da Educação recebeu uma recomposição de R\$ 977 milhões. Os valores serão destinados à formação técnica e superior. Desse total, R\$ 488 milhões serão usados no custeio das universidades federais, enquanto R\$ 230 milhões irão

RECOMPOSIÇÃO
Universidades
R\$ 488 milhões

Novo PAC
(obras de infraestrutura)
R\$ 218 milhões

Capes
R\$ 230 milhões

CNPq

R\$ 186,3 milhões

para três, quatro ou mais anos em algumas áreas", argumenta. "Para dar um exemplo, se o Brasil quiser daqui a dez anos estar na linha de frente da área das tecnologias quânticas, precisa investir de forma robusta e continuada desde agora".

Para ajudar a pensar uma nova forma de financiamento da ciência e de olho nas eleições no fim do ano, a SBPC realiza um seminário nesta sexta-feira (23). "A cada ano de eleições federais, fazemos um debate com comunidade científica para apresentar pautas aos candidatos. Este será sobre orçamento. Em meados de abril, vamos lançar uma publicação com o resultado dessas discussões", afirma Francilene.

Presidente da ABC, a professora Helena Nader celebrou a recomposição, mas também reforçou a necessidade de mais recursos para o setor: "Os valores ainda estão aquém do ideal que o Brasil precisa", disse.

Antes da recomposição, deputados e senadores haviam reduzido o orçamento do CNPq em R\$ 92,4 milhões, em relação à proposta do Executivo. A Capes havia perdido R\$ 359,3 milhões. "Isso demonstra que estas pautas estão entre as prioridades do atual governo", afirmou a presidente da SBPC, professora Francilene Garcia, à reportagem. "Se você olhar, o país tem um número de doutores e engenheiros por população muito abaixo de outros países da América Latina. Quando você compara com os países desenvolvidos, é mais abaixo ainda. Então o Brasil teria que estar formando mais recursos humanos", completou.

para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Também serão destinados R\$ 218 milhões para obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) que engloba infraestrutura para as instituições de ensino.

Ministro da Educação, Camilo Santana declarou que a devolução de valores cortados pelo Legislativo revela o compromisso do governo em defesa da educação. "Vamos continuar





COLÔNIA DE FÉRIAS DA ADUFRJ É PURA DIVERSÃO

> Alegria foi a marca da primeira semana do evento. Crianças de 5 a 12 anos embarcaram nas brincadeiras dirigidas por profissionais da Equipe Coloriê. Diretoria quer nova edição em julho

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

Aprimeira semana da Colônia de Férias da AdUFRJ é um sucesso! Os dias estão recheados de brincadeiras e muita diversão. Entre as atividades que fizeram a festa das crianças, o conjunto de brinquedos infláveis com escrrega, futebol de sabão e escorregador de sabão, no primeiro dia de evento, foram os mais disputados.

Mas também houve espaço para atividades nas piscinas, pintura corporal, desenho, xadrez, adivinhe a música e muito mais. A programação da colônia ficou por conta da Equipe Coloriê, com oito profissionais de longa experiência. Muitos deles formados pela UFRJ.

Coordenador da colônia, o professor André Coutinho é formado em Educação Física com pós-graduação em Educação Inclusiva. "As crianças estão muito integradas, brincando, conversando, interagindo", celebra o professor. "Nossa programação prevê ações esportivas e educativas. É uma colônia de férias que tem o intuito de atuar também no desenvolvimento delas".

O Clube dos Empregados da Petrobras (CEPE-Fundão) ficou preenchido de risadas e muita música. As crianças se jogaram em todas as brincadeiras. "Eu gostei muito do futebol de sabão porque podia dar 'mortal' e bicicleta", contou o pequeno Leonardo, de 8 anos.

A chuva insistente tentou, mas não conseguiu atrapalhar o evento. "Mesmo com a chuva, as atividades artísticas são muito divertidas. A gente fez oficina de pintura, de massinha. Eu fiz uma pizza. Foi bem legal", contou a animada Laura, de 11 anos. Jogos de cooperação, oficina de xilogravura, cineminha com pipoca completaram a programação.

Ana Cecília Sant'ana, servidora do Ministério da Cultura, levou o filho João Vicente, de 9 anos. "Achei a iniciativa



maravilhosa. Estamos muito felizes de ter essa possibilidade, com atividades pensadas para as crianças e fornecidas para as famílias com valor superacessível", elogiou. "Também considero muito legal ter muita gente na equipe. A criança não fica desamparada. Se tiver colônia no ano que vem, ele vem de novo", prometeu. O filho João Vicente confirmou as impressões da mãe: "Eu gostei muito!"

O professor Juciano Rodrigues, do IPPUR, também aprovou a colônia. "É uma iniciativa fantástica. É fundamental para professores que não têm rede de apoio, como é o meu caso, ao mesmo tempo em que valoriza a integração das famílias no nosso espaço laboral", avalia.

Para ela, essa primeira temporada só reforça a necessidade de novas edições.

"Já estamos planejando a das férias do meio do ano", revela.

VAGAS PARA A SEGUNDA SEMANA

A AdUFRJ recebeu 30 inscrições para a colônia de férias, mas ainda há vagas disponíveis para a segunda semana de atividades, que vai acontecer entre os dias 26 e 30 de janeiro.

As inscrições podem ser realizadas pelo formulário: <https://forms.gle/wnsqcDVePKdtrnLoZA> (o link clicável está no nosso site e nas nossas redes sociais). Podem se inscrever crianças e adolescentes, de 5 a 16 anos, dependentes de professores filiados e também não filiados à AdUFRJ. O sindicato cobre 70% dos custos para os filiados.



FOTOS: ALESSANDRO COSTA

Protestos e mortes no Irã. Medo e angústia no Brasil

> O número é incerto, mas já se contam em milhares as vítimas da repressão às manifestações que ocorrem há um mês no país árabe. Professores iranianos da UFRJ relatam apreensão com as famílias

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrj.org.br

O governo do Irã enfrenta protestos em todo o país desde o fim de dezembro. Os manifestantes foram às ruas contra as dificuldades econômicas e as restrições de liberdade impostas pelo regime dos aiatolás. Já o governo responsabiliza inimigos estrangeiros pelos protestos, sobretudo o presidente norte-americano Donald Trump, a quem acusa de infiltrar agentes entre os manifestantes.

Em quase quatro semanas de manifestações, o número de mortos pelas forças de segurança é incerto. O governo restringiu o acesso à internet e às comunicações. A ONG norte-americana HRANA divulgou um total de 3.308 mortos no último sábado (17). Uma fonte do governo iraniano citada pela agência Reuters no domingo (18) falou em 5 mil mortos.

O furor dos protestos arreou os últimos dias. Por um lado, a forte repressão das forças de segurança parece ter levado muitos a ficarem longe das ruas. O governo também desistiu de executar um jovem manifestante de 26 anos preso nos protestos na cidade de Karaj. Ainda paira no ar a ameaça de uma intervenção dos Estados Unidos no país árabe, à qual o Irã promete reagir com força, o que pode levar a um conflito generalizado no Oriente Médio.

Diante de tantas incertezas, o Jornal da AdUFRJ ouviu três professores iranianos que atuam na UFRJ — todos são do Instituto de Matemática. Dois deles foram reticentes em comentar



FATEMEH BAHRAMI/ANADOLU/PICTURE ALLIANCE

Unidos no país árabe, à qual o Irã promete reagir com força, o que pode levar a um conflito generalizado no Oriente Médio.

Diante de tantas incertezas, o Jornal da AdUFRJ ouviu três professores iranianos que atuam na UFRJ — todos são do Instituto de Matemática. Dois deles foram reticentes em comentar

a crise em seu país natal, sobretudo porque se preocupam com suas famílias que estão no Irã. Hamid Hassanzadeh só sabe que seus parentes estão bem porque sua irmã conseguiu sair do país e passar as notícias. "O país está sem internet e sem contato telefônico. Só eu e minha irmã estamos fora, os outros parentes

estão no Irã, em Isfahan e outras cidades do interior. Estão todos bem", disse Hamid. A professora Maral Mostafazadehfarid tem família em Teerã e recebeu a notícia de que estão todos em segurança: "Estou muito triste pela situação, e confesso que estou um pouco confusa e ainda não sei de que forma posso

ajudar os povos no Irã", resumiu. Já o professor Hamidreza Anbarlooei fez um emocionante relato, que reproduzimos a seguir, sobre o reencontro com sua família. E também escreveu um artigo (veja na página seguinte), em que expressa sua visão sobre a crise que assola seu país natal.

ACERVO PESSOAL



DEPOIMENTO
PROFESSOR
HAMIDREZA
ANBARLOOEI

Eu vinha planejando visitar meus pais neste mês de janeiro há cerca de seis meses. Mesmo naquela época, a situação no Irã já não era boa, então decidimos nos encontrar na Turquia, onde as coisas estavam mais tranquilas. Meus pais e eu compramos as passagens com base nesse plano.

Cerca de uma semana antes do voo, no entanto, a situação piorou repentinamente. Um dia, enquanto conversávamos

pelo WhatsApp sobre o hotel e as coisas que pretendíamos fazer na Turquia, a conexão foi interrompida de forma abrupta.

Depois disso, não houve mais nada — sem internet, sem celulares, sem telefones fixos. Tudo ficou fora do ar.

Estávamos ouvindo notícias muito ruins e não havia nenhuma maneira de saber se nossas famílias estavam seguras. Durante cinco dias, não tive informação alguma. Então, um amigo meu que havia deixado o Irã por terra, de carro, conseguiu me ligar. Ele me disse que minha mãe havia conseguido avisá-lo de que eles estavam bem e ainda planejavam viajar. Essa foi a única notícia que tive.

Dante disso, decidi ir para a Turquia e esperar por eles, embora estivesse ouvindo notícias terríveis e testemunhando um grande número de voos cancelados. Eu acompanhava constantemente o FlightRadar, observando quais voos ainda sobrevoavam o Irã e tentando adivinhar se meus pais conseguiram sair do país.

Cheguei à Turquia no horário e fiquei esperando, observando com ansiedade o painel de chegadas para ver se o voo deles apareceria. Após um dia longo e estressante, eles finalmente chegaram — mas em outro voo.

Eles conseguiram comprar novas passagens, muito mais caras, e deixar o país.

Quando aterrissaram e me ligaram pelo WhatsApp, minutos antes eu estava convencido de que tudo tinha acabado e que não conseguia encontrá-los desta vez. Mas, de repente, eu tinha tudo o que queria.

Jornalistas estão falando em um massacre e relatando que o número de manifestantes mortos pode ter chegado a 12.000. Não sei se esse número é verdadeiro ou não, mas é evidente que o número real de pessoas mortas é muito alto.

Todos no Irã estão ansiosos agora, e a situação é completamente instável.

“

“

“

“

Após ataques, Venezuela foca na reconstrução

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

No dia 3 de janeiro, o mundo acordou atordoado com a notícia do bombardeio dos Estados Unidos à Venezuela e com o sequestro do presidente Nicolás Maduro e da primeira-dama, Cilia Flores. O ataque foi precedido de uma série de operações no mar do Caribe com ataques a barcos que supostamente traficavam drogas para o país norte-americano. A "atuação do governo venezuelano como cartel" foi a justificativa utilizada pelo governo de Donald Trump para os bombardeios.

Logo após o ataque à soberania venezuelana e a captura de Maduro, Trump declarou que o petróleo da Venezuela "voltará a ser dos Estados Unidos" e orientou que grandes petrolieras norte-americanas iniciassem a extração do combustível. O plano, no entanto, encontra resistência. Segundo as empresas consultadas pelo governo Trump, a Venezuela não tem a infraestrutura necessária à exploração do petróleo nacional. Os custos de investimento seriam muito altos. Um preço que o grande capital privado não pretende pagar.

■ **Jornal da AdUFRJ - Como está a infraestrutura de serviços como telefone, água e energia após os bombardeios?**

● Jorge Stephany - Os ataques foram realizados com muitos recursos e tecnologia avançada, os danos ficaram restritos aos alvos escolhidos, como as instalações da rede elétrica e das empresas de telecomunicações. No dia seguinte ao ataque, a companhia elétrica nacional foi acionada para restabelecer a energia nas áreas afetadas, e as empresas de telecomunicação se concentraram na reconstrução da rede. A maioria das áreas voltou ao normal nas primeiras 48 horas.

■ **O Instituto Venezuelano de Pesquisa Científica (IVIC) foi severamente afetado, com danos em muitos prédios. Quais foram os mais atingidos?**

● Desde o governo Barack Obama, a Venezuela tem sido alvo de severas sanções comerciais e financeiras que a impedem de manter sua infraestrutura científica em pleno funcionamento. Os equipamentos perdidos neste ataque agravam o déficit existente. A colaboração internacional deveria ser um canal para tentar solucionar a situação, mas, infelizmente, não tem sido muito eficaz nos últimos anos devido à visão completamente distorcida da Venezuela que outros países propagam por campanhas de desinformação.

■ **Os danos não são apenas físicos, mas também emocionais e impactam as atividades de pesquisa. Como a pesquisa pode ser conduzida em meio a tamanhos horror?**

● O Ministério da Ciência e Tecnologia e a Direção do IVIC relocalizaram os pesquisadores afetados em outros espaços e estão avaliando os danos para iniciar a reconstrução. Não é possível neste momento estimar o tempo de reconstrução, pois é preciso avaliar se os prédios sofreram danos estruturais. O governo nacional priorizou a recuperação das áreas afetadas pelos ataques e, em particular, os danos ao IVIC serão reparados sob a supervisão direta da ministra Gabriela Jiménez (da Ciência e Tecnologia).

■ **O que acontece com os recursos e suprimentos de pesquisa danificados? Existe a possibilidade de apoio de outros países?**

● Desde o governo Barack Obama, a Venezuela tem sido alvo de severas sanções comerciais e financeiras que a impedem de manter sua infraestrutura científica em pleno funcionamento.

Os equipamentos perdidos neste ataque agravam o déficit existente. A colaboração internacional deveria ser um canal para tentar solucionar a situação, mas, infelizmente, não tem sido muito eficaz nos últimos anos devido à visão completamente distorcida da Venezuela que outros países propagam por campanhas de desinformação.

■ **Qual o valor total dos prejuízos ou seu valor aproximado? E o custo da reconstrução das instalações do instituto?**

“

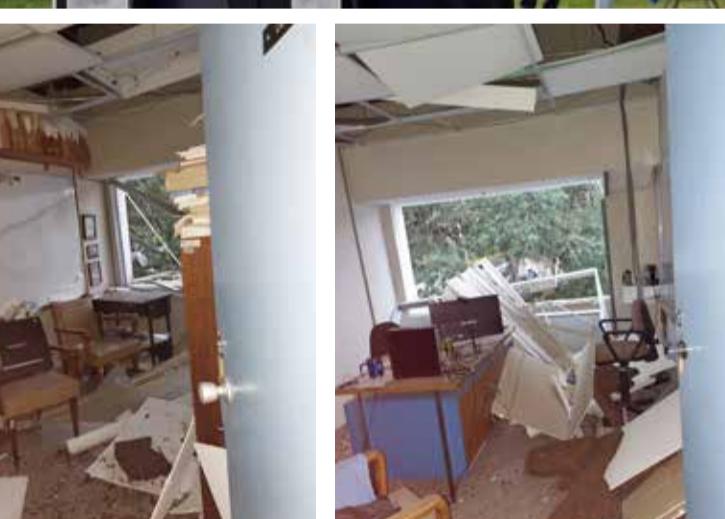
“

“

“



FOTOS: DEPARTAMENTO DE IMPRENSA DA USP



■ **DESTRUIÇÃO.** Prédio de Matemática do IVIC foi o mais danificado pelo bombardeio do dia 3. Acima, o reitor da USP, Jorge Stephany

● De fato, o pior aspecto deste ataque é que a população da Venezuela, um país que não está em guerra com nenhuma outra nação desde a rendição espanhola, precisa conviver com a

consciência de que os Estados Unidos da América não hesitam em assassinar 100 ou mais pessoas e bombardear uma cidade para alcançar seus objetivos políticos e econômicos. As pes-

soas estão tentando retomar suas atividades normais, que, no caso da comunidade científica, incluem pesquisa e ensino, mas as constantes ameaças do agressor estão afetando severamente a produtividade.

■ **Como lidar com o trauma vivenciado pela população e pela comunidade científica?**

● A população respondeu com grande maturidade à situação, atendendo a todos os apelos por paz e tranquilidade. Não houve violência interna. No entanto, muitas pessoas, especialmente aquelas que vivem nas áreas onde ocorreram os ataques, estão profundamente afetadas.

■ **Os efeitos a longo prazo dos ataques são difíceis de prever, mas como a comunidade científica pode contribuir para a superação dessa crise?**

● Antes de tudo, devemos evitar que esse ataque exacerbe as divisões que a polarização política vem criando dentro e entre nossos países. A comunidade científica, por outro lado, deve buscar mais e melhores oportunidades de colaboração. E não apenas na busca e aplicação do conhecimento, mas também na consolidação de espaços onde os valores humanísticos que compartilhamos possam florescer e impactar a criação de um mundo melhor do que este em que vivemos. Para isso, é preciso fortalecer todas as iniciativas com objetivos concretos que vêm sendo desenvolvidas no âmbito diplomático e entre pesquisadores em cada área específica.

NOTA DA ADUFRJ: SOLIDARIEDADE AO Povo VENEZUELANO

A diretoria da ADUFRJ assiste com grave preocupação aos eventos relacionados à ação militar dos EUA invadindo a Venezuela, com bombardeios e captura de seu presidente, em grave violação dos princípios basilares de direito internacional — em especial do respeito à soberania nacional e autodeterminação dos povos. Tal operação — e suas "justificativas" oficiais propagadas pelo governo americano — cria um perigoso precedente que banaliza o uso da força como instrumento de política externa, fragiliza o sistema multilateral de governança internacional e coloca em risco as populações atingidas, além de promover a instabilidade e insegurança para os países da região. Eventuais críticas ao regime político venezuelano de modo algum

justificam a violação da soberania nacional, nem a imposição de mudanças políticas pela força de governo externo.

Manifestamos nosso repúdio à invasão e ao uso da força para imposição dos interesses do governo dos EUA na região, bem

como nossa solidariedade aos colegas pesquisadores e ao povo venezuelano.

Entendemos que soberania e autodeterminação são princípios fundamentais para uma ordem internacional pacífica e não podem ser relativizados.

ESTUDO CLÍNICO ABRE NOVA FASE DE PESQUISA PIONEIRA DA UFRJ

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrj.org.br

FERNANDO SOUZA

A primeira segunda-feira do ano, tradicionalmente com ecos de ressaca, teve ares de festa para a pesquisadora Tatiana Sampaio, chefe do Laboratório de Biologia da Matriz Extracelular do Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ. Logo às seis da manhã, ela confirmou pelo Diário Oficial da União o que dezenas de ligações para o seu celular já indicavam: a aprovação, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), do início da primeira fase de estudos clínicos com humanos da polilaminina, medicamento experimental para tratamento de lesões da medula ao qual ela se dedica há mais de duas décadas. Nesta entrevista ao Jornal da AdUFRJ, a professora da UFRJ fala de suas expectativas sobre o desenvolvimento de uma das mais promissoras pesquisas na área de Saúde do país.

■ **Jornal da AdUFRJ - Que boa notícia para começar 2026, hein?**

● **Tatiana Sampaio** - Olha, foi uma felicidade acordar com a notícia da aprovação do estudo clínico. Saí no Diário Oficial logo cedo. E ela veio junto com a aprovação pelo Comitê de Inovação, uma instância nova criada pela Anvisa para avaliar os casos mais urgentes e com maior impacto para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. A aprovação do estudo clínico da polilaminina foi a primeira decisão desse novo comitê. Estou muito feliz.

■ **Mesmo sem a liberação da Anvisa, a polilaminina já vinha sendo requisitada por pacientes de todo o país como uma promissora droga para as lesões de medula. Essa pressão externa influenciou a decisão?**

● Acredito que sim. As ações judiciais se avolumaram nas últimas semanas, e essa aprovação do estudo vem dar uma resposta a isso. Várias pessoas que tiveram lesão medular em período inicial, algumas ainda internadas em emergências de hospitais, souberam do medicamento e ingressaram na Justiça pedindo o acesso ao tratamento. Alguns juízes deram liminares e, com isso, nós precisamos entregar não apenas o medicamento em vários hospitais espalhados pelo país, mas também deslocar equipes para a aplicação.

■ **Ou seja, na prática, a polilaminina já vem sendo utilizada em muitos pacientes?**

● Sim, e exigindo de nós uma logística complexa. Só há dois neurocirurgiões no país habilitados para fazer as aplicações. São dois médicos do Rio de Janeiro, os doutores Bruno Côrtes, chefe do Serviço de Neurocirurgia do Hospital Municipal Souza Aguiar, e Marco Aurélio Lima, chefe do Serviço de Neurocirurgia do Hospital Estadual Azevedo Lima. Além desses dois mé-

dicos, que têm que se desdobrar para atender aos pedidos Brasil afora, temos que deslocar assistentes para fazer o preparo da droga. Essa logística estava sobrecarregando muito a nossa equipe de trabalho, além de prejudicar a pesquisa, porque leva ao uso experimental do medicamento sem a coleta ideal de dados e sem a devida proteção ao paciente.

■ **O que muda com a aprovação da fase inicial aprovada pela Anvisa em humanos?**

● O estudo clínico protege o paciente, pois a droga é utilizada sob o monitoramento de uma equipe pronta para dar suporte a qualquer intercorrência. Nesses casos das liminares judiciais, isso não é possível, pois os pacientes ficam por sua própria conta. Há também a questão da fisioterapia, que é fundamental nesse tratamento. No caso das ações judiciais, a gente só pode orientar, mas não há como oferecer essa fisioterapia. O início do estudo clínico responde a essa urgência e vai ajudar a organizar o uso da polilaminina em humanos, com todo o suporte necessário aos pacientes.

■ **Essa fase inicial de estudos com humanos é prolongada?**

● Não, é uma fase que inclui apenas cinco pacientes, e deve evoluir rapidamente. Acredito que ela comece daqui a um mês, e que possamos logo ter a comprovação da segurança em um estudo regulatório. Isso vai abrir as portas não apenas para a fase 2, para lesões recentes, que é a próxima etapa que já está programada, mas também nós vamos poder pedir outros estudos, inclusive para testar o efeito da polilaminina em lesões crônicas, de meses ou anos.

■ **Isso pode abrir uma esperança para muitos pacientes?**

● Nossa objetivo é conseguir estender o uso do medicamento para pacientes com lesões crônicas. Embora ainda não



“

Esse conjunto de esforços pode levar à disponibilização desse medicamento a todos que dele precisem. É o que todos queremos.

tenhamos respostas para esses pacientes, esse estudo de segurança que vamos iniciar vai nos ajudar a acelerar esse processo. Para alcançar esses objetivos é fundamental reconhecer o trabalho conjunto de nosso grupo da UFRJ com a equipe do laboratório Cristália, que está conosco nessa pesquisa. Posso dizer que estamos trabalhando como uma equipe única, tal o entrosamento que alcançamos. São pesquisadores, médicos, fisioterapeutas, gestores e pessoal de apoio que vêm trabalhando de forma incansável para avançar nessa pesquisa, assim como a dedicação dos pacientes e de suas famílias.

■ **No ano passado, o presidente Lula a recebeu e ficou entusiasmado com o potencial da polilaminina. Que significou esse apoio?**

● Foi fundamental, assim como todo o suporte que temos recebido do Ministério da Saúde, o ministro Alexandre Padilha tem se empenhado de forma marcante. Também é preciso elogiar a lucidez e a coragem do presidente da Anvisa, Leandro Safatle, em criar esse Comitê de Inovação, uma iniciativa fantástica que pode ajudar no desenvolvimento de várias linhas de pesquisa no país. Esse conjunto de esforços pode levar à disponibilização desse medicamento a todos que dele precisem. É o que todos queremos.